

VINCULAÇÃO CRÍTICA DE ALTO IMPACTO: Esta Nota de Campo atende aos critérios de relevância social, impacto epistêmico e escrita encarnada fixados pela Resolução Aditiva nº 01/2026.

NOTA DE CAMPO / RELATO DE EXPERIÊNCIA

ONDE O VENTO CURVA E O BARRO CLAMA: ESCREVIVÊNCIAS DE AFETO E LUTA EM TABOQUINHAS

Where the wind curves and the mud cries: writing-lives of affection and struggle in Taboquinhas

Maxsuel de Jesus Ribeiro¹

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-1271-4782>

Resumo: Este relato de campo, estruturado sob o conceito de *escrevivência*, analisa as dinâmicas de atendimento e as barreiras infraestruturais em uma unidade escolar municipal no distrito de Taboquinhas, Itacaré, Bahia. Investigam-se os marcadores sociais de raça, classe e território nas tramas do acolhimento escolar matutino e noturno. A análise se debruça sobre a poética e a crueza das travessias de centenas de alunos e alunas que desafiam transportes precários e estradas vicinais intrafegáveis em dias de chuva. Conclui-se que a secretaria transcende a burocracia, firmando-se como espaço político de humanização contra o apagamento de corpos negros, camponeses e/ou quilombolas.

Palavras-chave: *Escrevivência; Educação do Campo; secretaria escolar; relações étnico-raciais; Taboquinhas.*

Abstract: *This field report, structured under the concept of "escrevivência" (writing-life), analyzes the service dynamics and infrastructural barriers in a municipal school unit in the district of Taboquinhas, Itacaré, Bahia. The social markers of race, class, and territory are investigated within the fabric of morning and evening school reception. The analysis focuses on the poetics and harshness of the journeys of hundreds of students who challenge precarious transportation and unpassable back roads on rainy days. It concludes that the school office transcends bureaucracy, establishing itself as a political space for humanization against the erasure of Black, peasant, and/or Maroon (quilombola) bodies.*

Keywords: *Escrevivência; Rural Education; school office; ethnic-racial relations; Taboquinhas.*

Resumen: *Este relato de campo, estruturado bajo el concepto de "escrevivência" (escritura-vivencia), analiza las dinámicas de atención y las barreras de infraestructura en una unidad escolar municipal en el distrito de Taboquinhas, Itacaré, Bahía. Se investigan los marcadores sociales de raza, clase y territorio en las tramas de la acogida escolar matutina y nocturna. El análisis se centra en la poética y la crudeza de las travesías de cientos de alumnos y alumnas que desafían transportes precarios y caminos vecinales intransitables en días de lluvia. Se concluye que la secretaría trasciende la burocracia, consolidándose como un espacio político de humanización frente al borrado de los cuerpos negros, campesinos y/o quilombolas.*

Palabras clave: *Escrevivência; Educación del Campo; secretaría escolar; relaciones étnico-raciales; Taboquinhas.*

A Escrivência como Práxis no Chão da Secretaria Escolar

Escrever sobre o cotidiano da secretaria escolar no distrito de Taboquinhas é, antes de tudo, um ato de registrar o que a pele sente e o que os olhos testemunham na lida com a terra e com as estruturas burocráticas estatais. Utilizo aqui a perspectiva metodológica e literária da escrituração, pioneiramente cunhada por Conceição Evaristo (2016), que nos convoca a uma escrita que não se desvincula de nossa própria condição de corpos negros inseridos na história, borrando intencionalmente as fronteiras rígidas entre o rigor descritivo da pesquisa e a sensibilidade da vivência. Em meu fazer diário como auxiliar administrativo escolar e pesquisador, a rotina ganha contornos de forte compromisso social muito antes de os portões se abrirem e o primeiro sinal sonoro ecoar pelas dependências da instituição. Sentado diante das telas frias dos computadores e dos arquivos de aço que guardam as vidas em pastas suspensas na secretaria do Colégio Municipal Caminhos do Barro Vermelho (nome fictício adotado para resguardar a identidade ética da instituição real), acompanho o pulsar inicial do território. Da janela do meu posto de trabalho, vejo desenhar-se a cartografia humana da zona rural, o embarque de centenas de alunos e alunas cujos destinos e trajetórias dependem inteiramente da engrenagem do transporte municipal para que possam exercer o direito que têm de ler o mundo.

O acolhimento matutino ganha contornos de uma delicada e ruidosa sinfonia infantil, quando centenas de crianças que compõem o público da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, abrangendo do Grupo 2 ao 5º ano, chegam à escola. Cada aluno e cada aluna traz no corpo, nas roupas e nos calçados a materialidade das estradas vicinais de terra batida que rasgam as entranhas de Itacaré. Quando o tempo permanece seco, a poeira densa e sufocante invade os veículos, cobrindo os rostos e os cadernos dos meninos e das meninas com uma película cinzenta. Contudo, basta que as nuvens desçam em chuvas torrenciais para que a realidade camponesa revele sua face mais severa, perversa e excludente. O barro vermelho transforma las ladeiras em caminhos escorregadios, perigosos e completamente intrafegáveis, transformando o direito ao transporte em uma odisséia de isolamento forçado, onde ônibus escolares e caminhões do tipo pau de arara deslizam e atolam à beira de grotas, suspendendo a rotina escolar de comunidades inteiras.

A Secretaria como Espaço Político e a Crítica ao Urbanocentrismo

Estar posicionado atrás desse balcão de atendimento me proporciona uma visão sociológica privilegiada, onde as exigências burocráticas e os prazos frios dos sistemas de ensino encontram o calor e as contradições das famílias camponesas e/ou quilombolas. Longe de ser um setor meramente técnico de digitação, como bem aponta Sousa (2006) ao discutir o trabalho de secretaria, esse espaço revela-se profundamente político e de mediação social. Cada ficha de matrícula que preencho e cada histórico escolar que organizo carregam os

traços das desigualdades de raça e classe que marcam a formação histórica do Brasil rural e/ou quilombola. O ato administrativo de registrar a autodeclaração preta ou parda de um aluno quilombola ou de uma aluna camponesa deixa de ser uma estatística inanimada e passa a ser um manifesto de visibilização dessas identidades em um territory que ainda sangra pelas heranças do latifúndio e do racismo estrutural.

Ao mergulhar nos arquivos e acompanhar os fluxos diários, percebo o quanto o racismo institucional e a exclusão geográfica se materializam na manutenção de uma matriz curricular essencialmente urbanocêntrica. Os livros didáticos distribuídos e as diretrizes pedagógicas massificadas insistem em celebrar o modo de vida das grandes metrópoles, com seus semáforos, shoppings e rotinas industriais, impondo uma violência simbólica que silencia a riqueza do campo. Há uma ruptura pedagógica violenta quando os saberes complexos dominados por esses estudantes e por essas estudantes dentro de seus lares são ignorados pela instituição escolar, algo amplamente criticado pelas teorias de Molina e Freitas (2011). O conhecimento detalhado sobre o manejo da agricultura familiar, os segredos da colheita do cacau sob a sombra protetora das árvores da cabruca, as práticas do extrativismo sustentável, as rezas que curam e a oralidade ancestral transmitida pelos anciãos e pelas anciãs das comunidades tradicionais são tratados como folclore e desprovidos de valor científico.

A Noite e a EJA: Travessias na Escuridão de Taboquinhas

As fraturas expostas pela precariedade do território tornam-se ainda mais nítidas quando o sol se esconde atrás das matas e a escola acende suas luzes para receber os alunos e as alunas da Educação de Jovens e Adultos, a modalidade EJA. Esse público é composto por trabalhadores rurais, pais e mães de família, agricultores e agricultoras quilombolas que trazem nos corpos as marcas da lida pesada da roça durante o dia inteiro e que desafiam o cansaço extremo para buscar a alfabetização. Se para as crianças do turno matutino o trajeto pelas estradas de barro já representa um obstáculo monumental, para o estudante e para a estudante da EJA a viagem noturna assume contornos de perigo real. A escuridão total das vias rurais, combinada com a divisão do transporte entre ônibus desgastados e os caminhões adaptados como pau de arara, transforma o deslocamento sob chuva em uma travessia de sobrevivência, onde o medo do tombamento nas curvas escorregadias caminha junto com a esperança da emancipação pelo conhecimento.

FRAGMENTO DE DIÁRIO DE CAMPO / INTERLOCUÇÃO TERRITORIAL

Guardo na memória e na escrita a imagem marcante de uma noite de inverno em que recebi na secretaria uma trabalhadora rural e aluna da EJA, com os calçados e a barra da saia encharcados de lama, acompanhada por seu vizinho de comunidade, também estudante da mesma turma. Eles haviam caminhado mais de qualquer quilômetros na escuridão completa, sob uma chuva fina, porque o pau de arara que os transportava havia atolado em uma vala aberta pela enxurrada em uma das estradas vicinais. Com o olhar cansado, mas com uma dignidade camponesa inabalável, aquela mulher me pediu que guardasse seu lugar na sala, pois ela se recusava a perder a aula, encarando aquela jornada como uma verdadeira práxis freiriana, ou seja, uma união indissociável entre a ação de resistir e a reflexão sobre sua condição no mundo (Freire, 2011). Na ótica fria do gerencialismo educacional, os atrasos e as faltas decorrentes do clima são computados apenas como números vermelhos nos diários de classe; contudo, a sensibilidade humana me obriga a reconhecer o heroísmo contido no caminhar desses sujeitos rurais.

Essa vivência empírica impulsionou debates necessários entre o corpo docente, a equipe gestora, os funcionários e as funcionárias da escola sobre a urgência de flexibilizarmos os tempos pedagógicos e o calendário escolar de Taboquinhas. Defendemos a urgência de uma matriz curricular que dialogue verdadeiramente com as especificidades do campo e do quilombo, integrando os períodos letivos aos ciclos da natureza e contornando os impedimentos climáticos que sabotam o transporte. A secretaria assume-se, then, como aliada desse movimento de escrevivência coletiva, reorganizando os diários, emitindo relatórios humanizados e assegurando que nenhum aluno ou aluna seja punido por exercer as práticas tradicionais de subsistência, preceito de valorização do trabalho que dialogue diretamente com as formulações de Moisey Pistrak (2011) sobre a escola conectada à vida material local. O objetivo central é garantir que a permanência e o sucesso escolar aconteçam sem que os sujeitos precisem apagar sua memória territorial para se adequarem aos padrões da cidade.

Resistência Institucional e Descolonização Escolar

Os desafios para sustentar essa escola viva e transformadora são imensos e exigem uma aliança constante com os movimentos sociais da região cacauzeira. Enfrentamos diariamente a escassez de recursos para a infraestrutura física rural, o abandono histórico das estradas vicinais e a falta de materiais didáticos contextualizados para a educação quilombola. Somado a isso, as pressões das avaliações externas tentam transformar a nossa escola em uma fábrica de índices estatísticos mercantilistas, desconsiderando as vidas reais que pulsam por trás de cada nota. Superar esse cenário exige que cada trabalhador e trabalhadora da educação, desde o apoio técnico ao magistério, compreenda o seu fazer cotidiano como um ato de

resistência e de militância pedagógica que combate ativamente o racismo institucional de acordo com o que defende Nilma Lino Gomes (2017).

Minha trajetória como auxiliar administrativo escolar e pesquisador no distrito de Taboquinhas reforça a certeza de que a justiça social e a equidade racial na educação não ocorrem por meio de teorias abstratas, mas se constroem na sensibilidade do acolhimento diário no balcão da secretaria. Cada documento assinado, cada matrícula realizada e cada escuta atenta das famílias quilombolas e camponesas representam passos na descolonização do espaço escolar. A escola pública do campo não pode continuar operando como um mecanismo de desterritorialização, voltada unicamente para esvaziar o meio rural e fornecer mão de obra barata para os centros urbanos. Ela deve se consolidar como um polo de valorização das diferenças de gênero, raça e classe, onde cada aluno e cada aluna sinta o orgulho de pertencer ao seu território e a liberdade de reescrever a história de seu povo com suas próprias mãos e vozes.

Considerações Finais

A análise crítica do cotidiano escolar em Taboquinhas demonstra que a matriz curricular precisa romper urgentemente com o modelo hegemônico urbano para fazer sentido real às realidades dos estudantes e das estudantes da zona rural e quilombola. A secretaria da escola revela-se um espaço estratégico de acolhimento social e articulação política, desempenhando um papel crucial no combate à evasão ao ouvir e validar as demandas dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo que enfrentam as barreiras geográficas das estradas vicinais intrafegáveis.

Promover a flexibilização do calendário, adaptar os turnos da manhã e da noite às condições climáticas do território e incorporar a riqueza cultural e produtiva das comunidades tradicionais são passos prioritários para o enfrentamento do racismo institucional. O fortalecimento de uma gestão escolar genuinamente democrática e participativa no município de Itacaré consolida-se como o único caminho viável para que o ambiente de ensino se transforme em um espaço de emancipação, dignidade e liberdade humana.

PROCEDIMENTO REGULAMENTAR E SALVAGUARDAS ÉTICAS (RESOLUÇÃO ADITIVA Nº 01/2026)

1. Isenção Formal de Métricas Eurocentradas: Este manuscrito enquadra-se na política de descentralização e isenção de réguas positivistas ortodoxas, validando as escritas de campo sob o crivo de sua profunda relevância social.

2. Cláusula de Disponibilidade de Dados e Sigilo Territorial: Amparada pela Resolução CNS nº 510/2016 e pelas diretrizes da LGPD, a pesquisa resguarda diários de campo, identidades nominais estritas e coordenadas geográficas sob absoluto sigilo protetivo através das *Salvaguardas Epistêmicas de Proteção Territorial*. Conforme expresso pelo autor, os diários de observação e notas do cotidiano administrativo não foram depositados em repositórios públicos para assegurar o absoluto anonimato ético e a privacidade dos estudantes e das comunidades tradicionais e quilombolas envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ABNT NBR 6023 ATUALIZADA)

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Costa Lopes de (org.). Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, abr. 2011. Disponível em: ufra.edu.br. Acesso em: 30 mai. 2026.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SOUSA, José Vieira. **Trabalho escolar e teorias administrativas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/10_trab_esc_teo_ad.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2026.

1 Nota de rodapé institucional: Auxiliar Administrativo escolar e pesquisador. Mestrando em Estudos Africanos e Representações da África (PPGEARA) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XV (Valença). Mestrando em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Itacaré, Bahia, Brasil. Desenvolve investigações científicas com ênfase em Educação do Campo, Relações Étnico-Raciais e identidades em territórios camponeses e quilombolas. E-mail: maxsuelthebest@gmail.com. Declaração de fomento: O presente trabalho não contou com financiamento ou auxílio financeiro de agências de fomento, sendo realizado de forma independente. O autor declara a inexistência de potenciais conflitos de interesses.